





*África em debate:
Uma herança identitária
– o trabalho forçado*

Quatro livros de registos de escravos – Angola (1855)

Ambriz – Golungo Alto – Libongo – Tala Mugongo

Adriano Parreira*

p 135-150

« l'ordinateur (...) a profondément transformé la pratique de nombreux historiens. (...) Il a contraint l'historien à chercher les outils optimaux d'analyse et d'interprétation et à effectuer des choix décisifs dans l'arsenal sans cesse renouvelé qui lui offre l'analyse des données. Dès lors il n'est plus d'histoire quantitative ou d'histoire qualitative. Tout se mesure : les flux, les évolutions et les ruptures, les équilibres et les déséquilibres peuvent être dégagés, circonscrits, dessinés. »

(*Histoire et Mesure*, Editorial, n.º 1)

Os livros de registos

O nosso estudo tem como base documental 4 (quatro) livros de registos de escravos¹ datados de 1855, que correspondem aos distritos angolanos do Ambriz², Golungo Alto³, Libongo e Tala Mugongo⁴, e que resultaram de um inquérito⁵ do Governo de Portugal

* **Academia Portuguesa de História/CEAUP.**

1 O Decreto de 14 de Dezembro de 1854 ordenava “que todos os escravos deviam ser registados no prazo de 30 dias”, sendo que os que não fossem registados deveriam ser considerados libertos” (Almeida, PR, 1978: 84).

2 Só em 1855 é que a administração portuguesa começou a impor-se no Ambriz, até então sob forte domínio inglês.

3 Na última página do livro lê-se o seguinte: “Termo de Encerramento. Tem este livro cento e vinte quatro folhas que se achão numeradas e rubricadas com o signal que uso Adelante no qual forão registados mil oitocentos cincoenta e quatro escravos que tem no principio termo de abertura por mim assignado. Aldea do Golungo Alto 25 de Outubro de 1866. Antonio do Canto e Castro. Chefe do Districto”.

4 A capa original deste livro foi substituída por uma outra, que ostenta o símbolo da república de Angola e na qual se pode ler: “Centro Nacional de Documentação, Arquivo Histórico, Secção de Códices, Núcleo: Governo do Distrito, Registo de Escravos, Local: Tala Mugongo, Data: 1855.” Nas primeiras três páginas do livro lê-se o seguinte: “1855 Talla Mugongo, Escravos. Termo de Abertura. Aos sete dias do mez de Novembro de mil oito centos i cinquenta icinco neste Districto de Tallamungongo com marca de Loanda na Feira de Cassange e cazas de Residencia de Terras do chefe deste Districto Joaquim Maria de Carvalho, pelo dito Chefe me foi ordenado que fise-se Termo de Abertura deste livro; para ser copiado o Registro dos Escravos neste Districto, cujo Registro teve seu principio neste Districto no dia primeiro de Outubro ultimo [?] . e foi ultimado hoje: [?] este Livro de Guia que deve acompanhar a emportancia dos Emolumentos do dito Registro, na conformidade do Decreto de quatorze de Dezembro de mil oito centos e cincoenta e quatro; Portaria Do Excellentissimo Governo Geral desta Provincia numero cento e secenta i quatro, de dacta de primeiro de Setembro de mil oito centos e cincoenta e cinco: para a Junta Protectora dos Escravos e Libertos. [?] [?] fiz este Termo que assinou o fito Chefe Eu José Pinto Pinheiro de Almeida Escrivão que escrevi – Joaquim Maria de Carvalho, Juiz [?] [?] [?] = ilegível.

5 Como resultado do inquérito de 1885, “apenas 26.000 escravos foram recenseados em Angola” (Almeida, PR, 1978: 85).

decorrente do Decreto de 14 de Dezembro de 1854⁶, Título 1.º, Artigos 1.º, 2.º e 3.º, e do Regulamento de 25 de Outubro de 1853, Artigo 7.º, publicados, respectivamente, nos Diários do Governo n.º 305/1854 e n.º 281/1853⁷.

Estrutura do inquérito administrativo

Além do número da linha de cada registo, a estrutura dos inquéritos oficiais compreende três tabelas (I-III), por sua vez subdivididas em dez campos diferentes (1-10):

I – Senhorio

[(1) número de ordem do proprietário e (2) seu nome e residência.]

II – Escravos

[(3) número de ordem de registo, (4) nome, (5) sexo, (6) naturalidade, (7) idade provável, (8) sinais físicos e (9) ofício ou ocupação.]

III – Observações

[(10) data de fuga, filiação materna e data de deportação.]

O número de registos de escravos recenseados em cada livro resulta da soma dos registos completos, incompletos e perdidos, distribuídos conforme o mapa seguinte:

Mapa 1

N.º de registos de escravos completos, incompletos e perdidos⁸ em cada distrito

	Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mugongo
N.º de escravos recenseados	378	1854	289	2989
Registos completos	227	1290	289	2769
Registos incompletos	109	156	–	83
Registos perdidos	42	408	–	137

6 O Decreto de 14 de Dezembro de 1854, “proposto pelo visconde de Autoguia”, declarou libertos os escravos do Estado sob a condição de para ele trabalharem mais sete anos, enquanto garantia a reivindicação da liberdade aos escravos de particulares, mas sob a obrigação de, uma vez libertos, indemnizarem os seus ex-proprietários de forma “justa” (Almeida, PR, 1978: 83). Capelo e Ivens fazem referência a esse Decreto (Capelo & Ivens, s/d: 78).

7 Os livros de registos que ostentam na lombada a chancela do Arquivo Histórico de Angola foram, aparentemente, “esquecidos” no Museu de Antropologia de Luanda, após uma exposição que aí ocorreu há alguns anos, e em cuja biblioteca aguardam, em avançado estado de deterioração, a improvável devolução.

8 Os registos perdidos são, neste caso, os que se encontravam nas folhas desaparecidas dos livros.

A terminologia do inquérito nos registos dos livros

A terminologia usada para classificar os escravos assentou em dois critérios: (I) as características físicas dos escravos, e (II) os aspectos totalmente subjectivos:

- (I) a – deficiências físicas,
 - b – particularidades físicas,
 - c – cor e tom da pele,
 - d – cor e textura do cabelo,
 - e – idade,
 - f – estatuto legal,
 - g – filiação,
 - h – tatuagens,
 - i – cicatrizes e sinais deixados pelas doenças,
 - j – marcas e tatuagens gravadas na pele.
- (II) k – aspectos subjectivos,
 - l – humor.

(I) Aparência física

Deficiências físicas:

- a.1 – mãos: 6 dedos / aleijado do dedo mindinho,
- a.2 – pés: aleijado dos pés / coxo do pé / pernas tortas / cambaio,
- a.3 – boca: boca torta,
- a.4 – olhos: cega / cego do olho direito / cego do olho esquerdo / meio cego / meio torto dos olhos / olhos pequenos vesgos / olhos piscos / olhos tortos / olhos vesgos / pisca de um olho / torta dos olhos / vesgo do olho direito / vesgo dos olhos / verruga na pálpebra direita,
- a.5 – costas: corcovado das costas / corcunda,
- a.6 – gago.

Particularidades físicas:

- b.1 – rosto: cara grande / cara larga / cara redonda / cara torta / rosto comprido / rosto redondo,
- b.2 – dentes: dentes abertos / dentes abertos à conguesa / dentes abertos e saídos / dentes abertos limados / dentes apartados / dentes grandes / dentes grandes e saídos / dentes grandes e salientes / dentes limados / dentes saídos / dentes superiores da frente partidos / desdentado / falta de dentes / falta um dente / falta de um dente na frente,
- b.3 – cabeça: cabeça grande / cabeça grande e chata / cabeça redonda / testa pequena / testa proeminente / testa saída / testa saliente / feições miúdas / feições regulares,
- b.4 – lábios: beiço comprido / beiço superior rachado / beiços encarnados / beiços grossos / boca pequena,
- b.5 – nariz: nariz chate / nariz chato,

- b.6 – orelhas: orelhas furadas,
- b.7 – olhos: olhos castanhos / olhos castanhos e vivos / olhos encarnados / olhos encarnados e vivos / olhos papudos / olhos pardos / olhos pardos e vivos / olhos pretos / olhos remelosos / olhos vermelhos,
- b.8 – pescoço: papo no pescoço / pescoço curto / pescoço um tanto curto,
- b.9 – pés: pés grossos,
- b.10 – ventre: barriga grande / umbigo grande,
- b.11 – ombros: ombros largos,
- b.12 – barba: barbado / pouca barba,
- b.13 – massa corporal: corpo regular / delgada / estreito / gordo / grosso / magro / peitos largos / reforçada / robusta / robusto / talha regular,
- b.14 – altura: (x) palmos / (x) palmos de altura / alto / alto magro / alto grosso / altura regular / baixa grossa / baixa magra / baixo / estatura regular.

Cor e tom de pele:

- c. – afulada / afulado / claro / fula / fulo / retinta / retinto.

Cor e textura do cabelo:

- d. – cabeça branca / cabelo branco / cabelo no peito / cabelos brancos / calvo / carapinha loira / ruça.

Idade:

- e. – (x anos) aproximadamente / barbado / menor / moleque⁹ de (x) palmos / molecota¹⁰ / velha / velha caduca / velho.

Estatuto legal:

- f. – anda fugido / fugido / liberto do estado / morreu / registada / registado / registada por lembrança / registado por lembrança.

Filiação:

- g. – filha da escrava x / filho da escrava x / filho da preta x.

Tatuagens:

- h. – enfeites / enfeites na barriga / enfeites nas costas / enfeites nos braços / enfeites nos ombros / rosto riscado.

Cicatrizes e sinais deixados pelas doenças:

- i. – fistulas na cara / malhas brancas nas mãos / malhada todo o corpo / malhas nas mãos / manchas brancas nas mãos / manchas brancas no rosto / nariz carcomido / picado de bexigas.

9 Palavra oriunda do Kikongo: *nleke*, criança. Aqui é designativo de rapazes escravos com menos de 8 anos de idade (Parreira, A. 1990 (b): 76).

10 Palavra oriunda do Kikongo: *nleke*, criança. Aqui é designativo de meninas escravas entre os 8 e os 15 anos de idade (Parreira, A. 1990 (b): 76).

Marcas e tatuagens gravadas na pele¹¹:

- j. – carimbo no peito direito / carimbo no peito esquerdo / carimbo nas costas / carimbo nas pernas / carimbo nos braços / cicatriz de fogo / marca com cachimbo / marca de faca / marca de queimadura / marca de tesoura / marca que mal se apercebe / marca e não cicatriz / marca que mal se conhece / marca que não se conhece / marca pouco distinta / marca pouco visível / marca quase apagada / marca que não se percebe / não se conhece sinal de marca.

(II) Aspectos subjectivos:

Aspectos subjectivos:

- k.1 – cara cheia,
k.2 – olhar espantado,
k.3 – olhos: olhos bonitos / olhos encovados / olhos encovados e espertos / olhos espantados / olhos espertos / olhos gazes / olhos grandes / olhos grandes e vivos / olhos mortais / olhos mortos / olhos pequenos / olhos pequenos mas vivos / olhos vivos / olhos vivos e grossos / olhos vivos pequenos / olhos vivos e pequenos.

Humor:

- l. – alegre.

A base de dados

Apesar de a percentagem dos registos incompletos e perdidos ser considerável nos livros de recenseamento de escravos do Ambriz (40%) e do Golungo Alto (30%), o mesmo não se verifica nos livros de Tala Mugongo (0,64%) e do Libongo (0%), o que nos permite considerá-los, no seu conjunto, relevantes para a pesquisa científica da escravatura em África, que há muito reclama uma reorientação metodológica que reflecta o estudo dos dados quantitativos da própria documentação, permitindo-nos abordagens mais rigorosas e descomprometidas com avaliações de carácter ético ou subjectivo.

Sendo que, nos quatro livros, o número total de registo é de 4923 e o número total de dados é de 103 383, o cruzamento manual dos mesmos, se porventura alguma vez se viesse a realizar, seria sem dúvida uma tarefa fastidiosa, na medida em que é teoricamente possível estabelecer entre os mesmos dados 10 699 044 689 correlações! Perante esta constatação, recorremos ao tratamento electrónico da documentação, inserindo-a num programa informático, estruturado e ajustado aos nossos objectivos: revelar as correlações mais significativas, entre os diversos campos da base de dados produzida.

¹¹ No que diz respeito às marcas na pele, elas variavam no formato, no modo e na parte do corpo em que foram gravadas. Nos registos completos e incompletos dos livros relativos ao Ambriz, Golungo Alto, Libongo e Tala Mugongo, foram contabilizadas, respectivamente, 28, 49, 2 e 163 marcas de formatos diferentes. Não só se verifica que escravos com marcas iguais poderiam pertencer a senhores diferentes, como também escravos com marcas diferentes poderiam ser pertença do mesmo proprietário, o mesmo que dizer que um mesmo escravo poderia, durante a sua vida, pertencer a proprietários distintos, conclusão que é reforçada pelo facto de alguns escravos ostentarem marcas múltiplas e diferentes.

Estrutura de cada base de dados

O programa informático que desenhamos é um banco de dados relacional constituído por 4 (quatro) bases de dados, correspondentes aos quatro livros de registos de escravos. Cada base de dados integra cinco tabelas (I-V) e vinte e um campos (1-21), que no seu conjunto têm o mesmo número de dados e de registos completos e incompletos que encontramos no conjunto dos quatro livros originais:

I Senhor do escravo

- 1 – Número do senhor.
- 2 – Alcunha/Título.
- 3 – Local de residência.
- 4 – Bairro de residência.

II Escravo

- 5 – Número de ordem do escravo.
- 6 – Nome do escravo.
- 7 – Sexo feminino.
- 8 – Sexo masculino.
- 9 – Naturalidade do escravo.
- 10 – Idade do escravo.

III Escravo: particularidades físicas

- 11 – Cicatriz.
- 12 – Sinais.
- 13 – Tatuagem.
- 14 – Marcas de bexigas.
- 15 – Deficiência física.
- 16 – Fulo/a.
- 17 – Marcas deixadas pelas bexigas, de tatuagens, de sinais ou de fogo, faca ou tesoura.

IV Escravos: situação legal

- 18 – Profissão do escravo.
- 19 – Escravo fugido.
- 20 – Data do registo da fuga.
- 21 – Filiação.

V Observações (Todos os dados que são pertinentes, como por exemplo as datas de fuga, de registo, de desterro e/ou de emancipação dos escravos.)

Esta estrutura tornou possível proceder à inventariação, à pesquisa, ao armazenamento optimizado e à gestão racional dos dados colectados nos registos completos e incompletos de escravos, matéria-prima para a produção de estatísticas importantes que são expostas nos onze mapas que se seguem. As correlações que apresentamos não sugerem uma floresta cerrada de números sem contornos, pois que não reduzem o indivíduo a uma variável abstracta das diversas dimensões sociológicas do sistema esclavagista em geral,

mas são reveladoras de realidades bem mais tangíveis de homens, mulheres e crianças que tiveram nome, alcunha, uma cultura, idade, sexo, lugar de nascimento, filiação, paternidade, profissão e estatuto. Com este trabalho, pretendemos pôr em evidência as vantagens que a análise de dados oferece ao estudo da escravatura e do tráfico de escravos, devendo ser, em nosso entender, profusamente utilizada, permitindo aos historiadores abordarem, com níveis de rigor científico até agora insuspeitos, uma área de estudos tão importante como ainda teimosamente ancorada na falácia da interpretação ideológica.

Mapa 2
N.º de registos completos e incompletos dos escravos,
por género e em cada um dos quatro distritos

	Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mungongo
Homens	299	639	133	1621
Mulheres	37	807	156	1231

Mapa 3
N.º de escravos fugidos por género em relação ao total do mesmo género por distrito

	Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mungongo
Homens	68 (22,74%)	17 (2,66%)	13 (9,77%)	49 (3,02%)
Mulheres	14 (37,8%)	12 (1,48%)	07 (4,48%)	33 (2,68%)

Mapa 4
Fuga de escravos por residência do proprietário e naturalidade do escravo

Ambriz				
Residência	Naturalidade	Escravos fugidos	% do n.º total de escravos	% do n.º total de escravos fugidos
Lisboa	Desconhecida	02	0,059%	2,43%
Luanda	Desconhecida	03	0,089%	3,65%
Ambriz	Desconhecida	74	22%	90,24%
Ambriz	Libongo Lemba	01	0,029%	1,21%
Desconhecido	Ndembu	01	0,029%	1,21%
Desconhecido	Desconhecido	01	0,029%	1,21%

Golundo Alto

Residência	Naturalidade	Escravos fugidos	% do n.º total de escravos	% do n.º total de escravos fugidos
Desconhecida	Bangu	01	0,069%	3,44%
Desconhecida	Lunda	09	0,622%	31,03%
Desconhecida	Mbumba Ndala	01	0,069%	3,44%
Desconhecida	Monte Alegre	01	0,069%	3,44%
Kamilungu	Bangu	01	0,069%	3,44%
Kapanga	Jinga	01	0,069%	3,44%
Katamba	Kalandula	01	0,069%	3,44%
Konxe	Jinga	02	0,138%	6,89%
Konxe	Songo	01	0,069%	3,44%
Monte Alegre	Mubiriy	01	0,069%	3,44%
Sanji	Mbengela	01	0,069%	3,44%
Sanji	Jinga	05	0,345%	17,24%
Sanji	Kamilungu	01	0,069%	3,44%
Sanji	Ambaka	01	0,069%	3,44%
Sanji	Sertão do Bondo	02	0,138%	6,89%

Libongo

Residência	Naturalidade	Escravos fugidos	% do n.º total de escravos	% do n.º total de escravos fugidos
Desconhecida	Desconhecida	17	5,88%	85%
Kabengana	Desconhecida	01	0,346%	5%
Lemba	Desconhecida	02	0,692%	10%

Tala Mugongo

Residência	Naturalidade	Escravos fugidos	% do n.º total de escravos	% do n.º total de escravos fugidos
Desconhecida	Ambaka	01	0,035%	1,22%

Desconhecida	Holo	01	0,035%	1,22%
Desconhecida	Mbangala	01	0,035%	1,22%
Feira de Kasanji	Ambaka	09	0,315%	10,97%
Feira de Kasanji	Hungu	03	0,105%	3,658%
Feira de Kasanji	Jinga	16	0,615%	19,51%
Feira de Kasanji	Lunda	24	0,841%	29,26%
Feira de Kasanji	Mbangala	10	0,350%	12,19%
Feira de Kasanji	Mbengela	01	0,035%	1,22%
Feira de Kasanji	Mbondo	06	0,210%	7,31%
Feira de Kasanji	Songo	02	0,070%	2,44%
Feira de Kasanji	Xinje	07	0,245%	8,53%
Feira de Kasanji	Zenza	01	0,035%	1,22%

Mapa 5
Principais locais de residência do proprietário por género dos escravos

Ambriz			
	Ambriz	Luanda	Rio Zaire
Homens	175 (58,5%)	80 (26,8%)	05 (1,68%)
Mulheres	29 (78,4%)	04 (10,8%)	02 (5,4%)

Golungo Alto					
	Kabunda	Kaluya	Kamilungu	Mbongo	Sanji
Homens	21 (3,28%)	17 (2,66%)	40 (6,26%)	89 (13,92%)	43 (6,72%)
Mulheres	22 (2,7%)	24 (2,97%)	55 (6,81%)	146 (18%)	32 (3,96%)

Libongo				
	Libongo	Libongo Lemba	Libongo Indwe	Libongo Kabeng
Homens	110 (82,7%)	03 (2,25%)	01 (0,9%)	19 (17,1%)
Mulheres	124 (79,5%)	06 (3,85%)	02 (1,28%)	22 (14,1%)

Tala Mugongo	Bondo	Feira de Kasanji	Tala Mungongo
Homens	24 (0,148%)	1448 (89,3%)	12 (0,74%)
Mulheres	14 (1,13%)	1094 (88,8%)	10 (0,81%)

Mapa 6
Principais locais de naturalidade dos escravos por género dos escravos

Ambriz	Angola	Jinga	Kasanji	Kongo	Lwangu
Homens	42 (14%)	05 (1,67%)	06 (2%)	121 (40,4%)	04 (1,337%)
Mulheres	01 (2,7%)	0	0	18 (48,64%)	01 (2,7%)

Golungo Alto	Bangu	Hungu	Jinga	Kalandula	Kasanji	Lunda	Mulwe
Homens	76 (11,9%)	54 (8,45%)	84 (13,1%)	23 (3,6%)	43 (6,7%)	43 (6,7%)	14 (2,2%)
Mulheres	141 (17,4%)	101 (12,5%)	100 (12,4%)	21 (2,6%)	42 (5,2%)	22 (2,7%)	28 (3,47%)

Libongo	Ambriz	Kongo	Libongo	Mosul	Ngola
Homens	05 (3,76%)	51 (38,3%)	27 (20,3%)	06 (4,5%)	06 (4,5%)
Mulheres	10 (6,41%)	50 (32%)	62 (39,7%)	06 (3,8%)	02 (1,28%)

Tala Mugongo	Ambaka	Holo	Jinga	Lunda	Mbangala	Mbondo	Songo	Xinje
Homens	121 (7,46%)	45 (2,7%)	155 (9,6%)	511 (31,5%)	345 (21,2%)	130 (8%)	57 (3,5%)	100 (6,16%)
Mulheres	83 (6,7%)	22 (1,78%)	171 (13,9%)	254 (20,6%)	309 (25,1%)	129 (10,4%)	47 (3,8%)	92 (7,4%)

Mapa 7
Número de escravos fulos por género e % em relação ao total de escravos

	Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mugongo
Homens	06 (2%)	156 (24,4%)	0	04 (0,246%)
Mulheres	0	268 (33,2%)	03 (1,92%)	05 (0,406%)

Mapa 8
Número e % de escravos fulos marcados no total (H+M) em cada distrito

Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mugongo
01 (16,66%)	46 (10,85%)	0	02 (22,2%)

Mapa 9
Número e % de escravas fulas marcadas no total (H+M) em cada distrito

Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mugongo
0	91 (21,46%)	0	01 (11,1%)

Mapa 10
Escravos marcados por género

	Ambriz	Golungo Alto	Libongo	Tala Mugongo
Homens	120 (40,1%)	174 (27,2%)	02 (1,5%)	857 (52,86%)
Mulheres	13 (35,1%)	269 (33,3%)	0	552 (44,84%)

Mapa 11
Idade e % em relação à naturalidade dos escravos homens¹²

Ambriz	Ambaka	Angola	Kongo	Muombo
Idade				
08-12	02 (0,668%)	04 (1,33%)	34 (11,37%)	0
13-16	0	11 (3,679%)	29 (9,7%)	03 (0,1003%)

¹² Foram omitidos do campo 'naturalidade' os registos com um número relativamente pouco significativo de indivíduos.

17-21	0	21 (7%)	52 (17,4%)	02 (0,668%)
22-25	0	04 (1,33%)	06 (2%)	01 (0,334%)
26-35	0	02 (0,668%)	0	01 (0,334%)
36-45	0	0	0	0
46-55	0	0	0	0
+ de 55	0	0	0	0

Golungo Alto

Idade	Bangu	Hungu	Jinga	Kabanga	Kalandula	Kasanji	Lunda
00-07	20 (3,13%)	01 (0,156%)	02 (0,312%)	0	01 (0,156%)	0	0
08-12	04 (0,625%)	03 (0,47%)	21 (3,38%)	0	10 (1,56%)	03 (0,47%)	0
13-16	09 (1,408%)	12 (1,87%)	25 (3,91%)	0	02 (0,312%)	06 (0,938%)	08 (1,25%)
17-21	09 (1,408%)	08 (1,25%)	10 (1,56%)	05 (0,78%)	03 (0,47%)	08 (1,25%)	12 (1,87%)
22-25	01 (0,156%)	02 (0,312%)	05 (0,78%)	0	01 (0,156%)	03 (0,47%)	08 (1,25%)
26-35	18 (2,8%)	13 (2,03%)	10 (1,56%)	06 (0,938%)	04 (0,625%)	16 (2,5%)	10 (1,56%)
36-45	07 (1,09%)	08 (1,25%)	10 (1,56%)	04 (0,625%)	03 (0,47%)	05 (0,78%)	05 (0,78%)
46-55	07 (1,09%)	06 (0,938%)	03 (0,47%)	0	0	02 (0,312%)	0
+ de 55	02 (0,312%)	03 (0,47%)	0	01 (0,156%)	01 (0,156%)	02 (0,312%)	0

Libongo

Idade	Kongo	Libongo	Mosul	Ngola
08-12	10 (7,51%)	08 (6,01%)	01 (0,751%)	0
13-16	21 (15,79%)	05 (3,376%)	01 (0,751%)	03 (2,55%)
17-21	05 (3,376%)	06 (4,51%)	01 (0,751%)	01 (0,751%)

22-25	08 (6,01%)	03 (2,55%)	01 (0,751%)	0
26-35	04 (3%)	03 (2,55%)	0	02 (1,5%)
36-45	02 (1,5%)	0	0	0
46-55	0	0	0	0
+ de 55	0	0	0	0

Tala Mugongo

Idade	Ambaka	Holo	Jinga	Lunda	Mbangala	Mbondo	Songo	Xinje
08-12	21 (1,29%)	11 (0,678%)	30 (1,85%)	54 (3,33%)	35 (2,16%)	39 (2,4%)	11 (0,678%)	26 (1,6%)
13-16	15 (0,92%)	13 (0,8%)	43 (2,65%)	100 (6,16%)	66 (4,07%)	35 (2,15%)	10 (0,616%)	29 (1,79%)
17-21	21 (1,29%)	10 (0,616%)	37 (2,28%)	143 (8,8%)	61 (3,76%)	18 (1,1%)	19 (1,17%)	17 (1,04%)
22-25	16 (0,98%)	07 (0,43%)	18 (1,1%)	105 (6,47%)	45 (2,77%)	07 (0,43%)	09 (0,55%)	13 (0,8%)
26-35	28 (1,72%)	03 (0,185%)	26 (1,6%)	83 (5,12%)	53 (3,27%)	15 (0,92%)	05 (0,308%)	05 (0,308%)
36-45	10 (0,616%)	01 (0,0616%)	03 (0,185%)	27 (1,66%)	18 (1,1%)	07 (0,43%)	0	01 (0,061%)
46-55	01 (0,061%)	0	0	10 (0,616%)	03 (0,185%)	0	0	0
+ de 55	0	0	0	0	01 (0,061%)	0	0	01 (0,061%)

Mapa 12
Idade e % em relação à naturalidade das mulheres escravas¹³

Ambriz				
Idade	Angola	Kongo	Lwangu	Ombala
08-12	0	11 (29,7%)	0	0
13-16	01 (2,7%)	02 (5,4%)	01 (2,7%)	0

¹³ Foram omitidos do campo 'naturalidade' os registos com um número relativamente pouco significativo de indivíduos.

17-21	0	05 (13,5%)	0	01 (2,7%)
22-25	0	0	0	0
26-35	0	0	0	0
36-45	0	0	0	0
46-55	0	0	0	0
+ de 55	0	0	0	0

Golungo Alto

Idade	Bangu	Hungu	Jinga	Kalandula	Kasanji	Lunda	Mulwe
00-07	20 (2,48%)	04 (0,496%)	02 (0,248%)	01 (0,124%)	01 (0,124%)	0	0
08-12	01 (0,124%)	02 (0,248%)	16 (1,98%)	02 (0,248%)	04 (0,495%)	0	0
13-16	16 (1,98%)	08 (0,99%)	24 (2,973%)	01 (0,124%)	03 (0,371%)	03 (0,371%)	0
17-21	15 (1,858%)	06 (0,743%)	15 (1,858%)	04 (0,495%)	09 (1,115%)	04 (0,495%)	04 (0,495%)
22-25	15 (1,858%)	05 (0,619%)	04 (0,495%)	0	05 (0,619%)	04 (0,495%)	07 (0,867%)
26-35	45 (5,576%)	23 (2,85%)	24 (2,973%)	07 (0,867%)	11 (1,363%)	05 (0,619%)	07 (0,867%)
36-45	21 (2,6%)	27 (3,345%)	10 (1,239%)	04 (0,495%)	12 (1,487%)	05 (0,619%)	05 (0,619%)
46-55	05 (0,619%)	15 (1,858%)	03 (0,371%)	02 (0,248%)	0	01 (0,124%)	05 (0,619%)
+ de 55	04 (0,495%)	11 (1,363%)	01 (0,124%)	0	03 (0,371%)	0	01 (0,124%)

Libongo

Idade	Ambriz	Kongo	Libongo
00-07	0	02 (1,282%)	17 (10,897%)
08-12	02 (1,282%)	04 (2,654%)	14 (8,974%)
13-16	02 (1,282%)	10 (6,41%)	05 (3,2%)

17-21	0	06 (3,846%)	06 (3,846%)
22-25	01 (0,641%)	05 (3,2%)	02 (1,282%)
26-35	04 (2,654%)	13 (8,33%)	09 (5,769%)
36-45	0	10 (6,41%)	07 (4,487%)
46-55	0	01 (0,641%)	02 (1,282%)
+ de 55	0	0	0

Tala Mugongo

Idade	Ambaka	Holo	Jinga	Lunda	Mbangala	Mbondo	Songo	Xinje
00-07	09 (0,73%)	01 (0,081%)	02 (0,16%)	05 (0,406%)	47 (3,818%)	07 (0,568%)	03 (0,243%)	04 (0,325%)
08-12	14 (1,13%)	07 (0,568%)	36 (2,92%)	35 (2,843%)	57 (4,63%)	25 (2,03%)	09 (0,73%)	15 (1,218%)
13-16	10 (0,81%)	07 (0,568%)	39 (2,169%)	39 (3,168%)	37 (3,005%)	24 (1,95%)	08 (0,65%)	18 (1,462%)
17-21	24 (1,95%)	08 (0,65%)	53 (4,305%)	59 (4,792%)	55 (4,467%)	27 (0,219%)	11 (0,893%)	19 (1,543%)
22-25	11 (0,893%)	05 (0,406%)	15 (1,218%)	35 (2,843%)	27 (2,193%)	08 (0,65%)	04 (0,325%)	11 (0,893%)
26-35	09 (0,73%)	10 (0,81%)	24 (1,95%)	61 (4,955%)	61 (4,955%)	24 (1,95%)	07 (0,568%)	17 (1,381%)
36-45	04 (0,325%)	02 (0,16%)	04 (0,325%)	20 (1,624%)	19 (1,543%)	13 (1,056%)	03 (0,243%)	08 (0,65%)
46-55	02 (0,16%)	01 (0,081%)	0	06 (0,487%)	08 (0,65%)	01 (0,081%)	02 (0,16%)	01 (0,081%)
+ de 55	0	01 (0,081%)	0	0	03 (0,243%)	0	0	01 (0,081%)

Bibliografia

- Alencastro, L. F. (2000) *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*, São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda.
- Alexandre, V. (1978) *Origens do Colonialismo Português Moderno*, Lisboa: Ed. Estampa.
- (1978) *Portugal e a Escravatura em África*, Lisboa: Ed. Estampa.
- Almeida, P. R. (1978) *Portugal e a Escravatura em África, Cronologia do Séc. XV ao Séc. XX*, Lisboa: Ed. Estampa.

- Boxer, C. R. (1981) *O Império Colonial Português*, Lisboa. Ed. Presença.
- Capela, J. (1973) *O Vinho para o Preto*, Porto: Ed. Afrontamento.
- (1977) *O Imposto da Palhota*, Porto: Ed. Afrontamento.
- (1979) *As Burguesias Portuguesas e a Abolição do Tráfico da Escravatura*, Porto: Ed. Afrontamento.
- Capelo, H. & Ivens, R. (s/d) *De Angola à Contracosta*, Lisboa: Ed. Europa-América.
- Carreira, A. (s/d) *Angola: Da escravatura ao trabalho livre*, Lisboa: Ed. Arcádia.
- (1978) *Notas sobre o Tráfico Português de Escravos*, Lisboa: U.N.L.
- Carvalho, H. A. (1898) *O Jagado de Cassange na Província de Angola*, Lisboa.
- (1890) *Descrição da Viagem à Mussemba do Muatianvua*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1890, vols. I-IV.
- Chaunu, H. e P. (1956) *Séville et l'Atlantique (1504-1650)* Tomos I-V, Paris: S.E.V.P.E.N.
- Cunha, M. C. (1985) *Negros estrangeiros – Os escravos libertos e a sua volta a África*, São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Godinho, V. M. (1980) *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa: Ed. Arcádia.
- (1981) *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Lisboa: Ed. Presença.
- *Histoire et mesure* (1986), Paris: CNRS.
- Ikoni, J. E. (1979) “Measuring the Atlantic slave trade. An assessment of Curtin and Anstey”, *Journal of African History (The)*, XVII, n.º 2.
- Mauro, F. (1983) *L'Expansion européenne, 1600-1870*, Paris: FCG.
- Meiers, S. (1977) *Slavery in Africa*, Wisconsin: University Press.
- Miller, J. C. (1988) *Way of Death*, Wisconsin: University Press.
- Parreira, A. (1990) *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga. Séc. XVII*, Lisboa: Ed. Estampa.
- (1990b) *Dicionário Glossográfico e Toponímico da Documentação sobre Angola, Séculos XV-XVII*, Lisboa: Ed. Estampa.
- Pélissier, R. (1986) *História das Campanhas de Angola: Resistência e revoltas, 1845-1941*, Lisboa: Ed. Estampa.
- Rich (1985-1986) *Revista de Informática para as Ciências do Homem*, Paris: LISH/CNRS, vols. 1 e 2.
- Santos, C. M. “Expansión y descubrimientos portugueses: problemática y líneas de investigación”, Lisboa: IICT, *Becaria Praxis XXI*.
- Tardieu, J.-P. (1984) *Le Destin des noirs aux indes de Castille, XVI-XVIII^{èmes} siècles*, Paris: Harmattan.
- Tinhorão, J. R. (1988) *Os Negros em Portugal. Uma presença silenciosa*, Lisboa: Ed. Caminho.
- Unesco (1979) *O Tráfico dos Escravos Negros, Séculos XV-XIX*, Lisboa: Ed. 70.
- Xavier, A. M. B. “Tendências na historiografia da expansão portuguesa – Reflexões sobre os destinos da história social”, *Penélope, Revista de história e ciências sociais*, n.º 22, pp. 141-179.